

O Ensino da Oftalmologia

O ensino da Oftalmologia para o médico compreende três níveis: Graduação, Residência Médica (Especialização) e Pós-Graduação. Embora o objetivo geral de todos seja o mesmo, ou seja, por meio do conhecimento e aquisição de habilidades específicas, evitar a cegueira, melhorar a visão e/ou a qualidade de vida dos pacientes, cada um destes níveis de ensino tem objetivos mais específicos. Na Graduação visa capacitar o médico não especialista a diagnosticar e tratar algumas doenças oculares, fazer o pronto atendimento e o encaminhamento adequado de outras (atendimento ocular primário). Na Residência, é complexo, engloba várias subáreas e visa capacitar o novo especialista em oftalmologia à diagnosticar, tratar e acompanhar as doenças oculares em todas as sub-áreas. Na Pós-Graduação o objetivo mais específico é o de formar pesquisadores e professores da especialidade.

Porém, gostaria de focar principalmente a Residência (Especialização) que é dos 3 níveis aquela em que os docentes (professores universitários ou especialistas de serviços credenciados) possivelmente mais dedicam seu tempo e suas preocupações. Nos últimos tempos a complexidade da Oftalmologia aumentou muito em função de evolução e inovações em suas diversas subáreas, decorrentes tanto de grandes estudos epidemiológicos, ensaios clínicos multicêntricos, de pesquisas básicas como de inovações tecnológicas de instrumentos e de equipamentos, o que tornou o ensino do especialista ainda mais difícil e complexo, agravado pelo mundo moderno que gerou corrida, competição, individualismo e a falta de formação humanística no colegial. Desta forma, o ensino precisa se adaptar às novas necessidades e desafios e engloba, além de transmitir conhecimento e habilidades, medir a habilidade e aplicação do conhecimento no contexto clínico e inferir competências. Precisamos preparar profissionais que além da ciência da medicina, tenham capacitações baseadas na prática, no sistema básico de saúde, conhecimento na atualização de revisões, princípio de negócios, controle de custos e principalmente com boa relação médico-paciente, ética e humanização.

O modelo de ensino da residência tradicional (ver um, faça um, ensine um) precisa se adaptar às novas necessidades e aos novos desafios. Para vencer todos estes obstáculos, a definição de competências de métodos de ensino e ferramentas de avaliação deste ensino se fazem necessários. Assim os docentes e preceptores que têm sob sua responsabilidade a formação do especialista, precisam além de estar atualizados com a especialidade, gerar conhecimento através da pesquisa, estar aptos a ensinar e avaliar o ensino conforme as novas necessidades. As mudanças que ocorrerem exigem definição de novas capacitações e ferramentas adequadas para medi-las.

O oftalmologista de modo geral costuma estar aberto às inovações técnicas da especialidade, recebe bem “consensos”, “guide-lines” e manuais, procura se atualizar em congressos, leituras, etc. e seguir prontamente as condutas ou orientações deles emanadas. Da mesma forma que o especialista recebe novas informações sobre a oftalmologia, as analisa e procura pô-las em prática, o professor da especialidade também deveria fazê-lo continuamente com relação ao ensino. Mas isto não parece ser o que ocorre. Diria mesmo que há uma certa resistência quanto a mudanças nesta área.

Novas capacitações do especialista foram definidas pelo Conselho de Acreditação para Educação Médica Graduada nos Estados Unidos (organização responsável pela aprovação de 7.800 de programas de residência que incluem o de oftalmologia), após extensivo processo de revisão de currículos publicados, levantamentos e pesquisas educacionais, entrevistas com entidades governamentais, fundações públicas e privadas, reitores, comitês de residência, diretores de programas de residência, residentes, especialistas que atuam em consultórios e pessoal de saúde. A partir daí foram definidas seis competências: cuidado do paciente, conhecimento médico, conhecimento baseado na prática, habilidade de comunicação e interpessoal, profissionalismo e prática baseada no sistema e depois foi acrescentada competência cirúrgica⁽¹⁾. Também foram propostas ferramentas para avaliação destas competências evitando a subjetividade.

O International Council of Ophthalmology (ICO) vem ministrando em todo mundo cursos sobre o ensino da oftalmologia, procurando assim atender às novas necessidades e desafios. Também no Brasil a ICO juntamente com o CBO ofereceram o curso em 2008, propiciando reflexão e facilitando modificações no ensino para torná-lo mais profissional. Claro fica que não se pode fazer mudanças de uma vez mas por fases. Numa primeira fase deveriam ser definidas as competências, adequá-las a nossa realidade e progressivamente avaliá-las.

Dos 3 níveis enfoquei principalmente o da especialidade não querendo dizer que Graduação e Pós-Graduação não necessitem também de reflexão e de mudanças. Levantamento feito em 6 escolas médicas do estado de São Paulo mostrou insuficiência do conhecimento de oftalmologia pelos médicos não oftalmologistas pois nenhuma das 16 questões aplicadas obteve o acerto $\leq 80\%$ considerado bom⁽²⁾, o que sugere haver necessidade de reavaliações também no ensino da Graduação. O ensino da Pós-Graduação (senso strictu) em Oftalmologia vem ganhando espaço dentro da Universidade nos últimos anos em detrimento do ensino da especialidade propriamente dita, pois gera pesquisa e esta tem sido muito valorizada não só dentro da Universidade mas também pelas agências de fomento, não se deve esquecer porém, que a Pós-Graduação além de pesquisadores deve também formar docentes.

Concluindo diria que é preciso ensinar (e avaliar) mais do que diagnóstico e habilidades cirúrgicas, mas também ética, eficiência, profissionalismo e não se deveria deixar estas falhas só para a educação continuada ou estágios complementares. Muitos não poderão fazê-los. Isto exige capacitação permanente dos responsáveis pela formação dos novos profissionais. Por outro lado, acarreta mais tarefas para os professores já tão atribulados e muito pouco reconhecidos por este trabalho. A solução do problema necessita assim, não só do reconhecimento por parte dos docentes da necessidade de mudanças e da decisão de mudar, mas em grande parte pela própria valorização do ensino.

Maria Rosa Bet de Moraes Silva

Livre-docente, Professora Adjunto do Departamento de Oftalmologia, Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço da Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP

REFERÊNCIAS

1. Leê AG. The new competencies and their impact on resident training in ophthalmology. *Surv Ophthalmol.* 2003;48(6): 651-62.
2. Ginguerra MA, Ungaro ABS, Villela FF, Kara José AC, kara-José N. Aspectos do ensino de graduação em oftalmologia. *Arq Bras Oftalmol.* 1998;61(5):546-8.